

**AUDRE
LORDE**

Sou sua irmã

**TRADUÇÃO
STEPHANIE BORGES**

**ORGANIZAÇÃO
E APRESENTAÇÃO
DJAMILA RIBEIRO**

**ESCRITOS REUNIDOS
E INÉDITOS
DE AUDRE LORDE**

7 *Apresentação*
DJAMILA RIBEIRO

PARTE 1
DIFERENÇA E SOBREVIVÊNCIA

- 13** Sou sua irmã: Mulheres negras se organizam para além das sexualidades
- 21** Dando uma virada: maternagem lésbica
- 31** *Apartheid* nos Estados Unidos
- 42** Diferença e sobrevivência: Um discurso no Hunter College
- 47** O primeiro retiro feminista negro
- 49** Quando a ignorância vai acabar? – Discurso na Conferência Nacional de Gays e Lésbicas do Terceiro Mundo
- 55** Discurso proferido na “Litania pelo compromisso” na Marcha de Washington
- 56** Discurso de abertura da formatura no Oberlin College
- 63** Não existe hierarquia de opressão
- 66** O que está em jogo na publicação de gays e lésbicas hoje
- 69** Seu cabelo ainda é político?

PARTE 2
MINHAS PALAVRAS ESTARÃO LÁ

- 77** Minhas palavras estarão lá
- 88** Minha poesia e autodefinição
- 91** O pilão de minha mãe
- 103** A poeta como professora – a humana como poeta – a professora como humana
- 106** A poesia faz alguma coisa acontecer
- 110** Prefácio da nova edição de *Need*
- 115** Introdução a *Movement in Black*, de Pat Parker
- 118** Prefácio da edição em inglês de *Farbe Bekennen*
- 127** *Eva’s Man*, de Gayl Jones: Uma resenha

PARTE 3
UMA EXPLOÇÃO DE LUZ

- 133** Uma explosão de luz: Vivendo com câncer

APRESENTAÇÃO

DJAMILA RIBEIRO

Nasci negra e mulher. Estou tentando me tornar a pessoa mais forte possível para usufruir a vida que me foi dada e ajudar a desencadear as mudanças em direção a um futuro aceitável para o planeta e para minhas crianças. Como negra, lésbica, socialista, mãe de dois, entre eles um menino, e integrante de um casal inter-racial, com frequência me vejo parte de um grupo em que a maioria me define como desviante, difícil, inferior ou simplesmente “errada”.

— AUDRE LORDE, “Não existe hierarquia de opressão”.

É com muita honra que apresento a vocês a obra que reúne textos fundamentais da grande feminista negra e poeta Audre Lorde, cujo legado segue poderoso mesmo após quase vinte anos de seu falecimento. Este livro presenteia o público brasileiro com instrumental teórico para guiar forasteiras e forasteiros – aquelas pessoas que, por integrarem e somarem identidades atravessadas por opressões históricas, são “erradas” pelo mero fato de existirem.

Ler Audre Lorde na minha vida foi curativo das violências por que passei e que não entendia como formular. Uma leitura que me inspirou a manter minha postura, não importasse o quanto o ambiente hostil quisesse que minha espinha se curvasse. Ela também me acolheu no incômodo contra aquilo que Simone de Beauvoir classificaria como “os amantes de fórmulas simples”. A leitura deste livro implica complexificar a análise, enten-

do que não existem hierarquias de opressão, como também a própria existência, ante a brava autodefinição e escrita corajosa que escorriam de suas mãos e encharcavam ensaios, prefácios e poemas com a raiva organizada em combate ao racismo.

Sua obra no Brasil vem sendo propagada há pouco tempo no mercado editorial, mas as feministas negras já tinham alguns de seus escritos traduzidos em comunidades há muito tempo. Sabiam do poder das palavras da pensadora feminista negra de ascendência de Barbados, no Caribe, aquela que deixou raízes tão profundas na Alemanha, que contribuiu decisivamente para a organização do movimento das afro-alemãs, cada vez mais fortes no país, assim como seus escritos, que conquistaram a fama de lendários. Nesta obra, você terá contato com alguns desses escritos, como “Sou sua irmã: Mulheres negras se organizam para além da sexualidade”, “Não existe hierarquia de opressão” e, certamente um dos mais impactantes de sua trajetória, “Uma explosão de luz: Vivendo com câncer”. Também encontrará participações suas em obras de outros autores e autoras, com prefácios e introduções, e discursos em conferências e palestras.

Além disso – e penso aqui que esta obra contribuirá para uma recepção ainda maior da sua obra no Brasil –, você terá contato com a Audre Lorde poeta, simplesmente formidável. Eu já havia lido alguns de seus poemas em inglês, quando fui à Califórnia para uma palestra na universidade e encontrei em uma livraria uma coletânea deles. Voltei no avião agarrada ao livro e, quando cheguei ao Brasil, quis saber mais dessa história, do encontro de Audre consigo mesma, dessa afirmação em uma entrevista ao jornal *Callaloo* de agosto de 1990 que diz “minha sexualidade é parte integrante do que sou, e minha poesia é produto da interseção entre mim e meus mundos”. Tempos depois, em Berlim para a Bienal de Livros, encontrei pela primeira vez o jornalista Simon Sales Prado, que se tornaria um querido parceiro de trabalho. Ele me presenteou na entrevista com a obra de May Ayim, poeta e escritora afro-alemã mais nova que Lorde, porém muito próxima e ins-

pirada por ela, assim como tantas outras foram. Foi aí que tomei conhecimento não apenas do talento de Audre como poeta, mas igualmente do movimento que fomentou. Suas palavras tocam a alma, de fato, como conta um dos textos deste volume, “A poesia faz alguma coisa acontecer”.

O livro se divide em três partes. A primeira reúne os textos de intervenção em que Audre Lorde se coloca diante de diferentes audiências, apontando para aquilo que é mais fundamental em sua teoria: o fato de que as lutas contra as opressões de gênero, classe e raça não são excludentes e devem se unir. Os textos relacionam machismo, racismo e homofobia e chamam o leitor para uma tomada de posição diante dessas diferentes formas de opressão. A segunda parte traz a reflexão de Lorde sobre como a literatura e a poesia foram para ela armas do conhecimento para combater essas opressões. Mesmo nos textos de combate, sua prosa é altamente literária e imagética. Finalmente, a terceira parte apresenta o comovente diário de Lorde, no qual ela conta sua luta contra o câncer entremeando seu dia a dia de trabalho incessante durante seus últimos anos de vida.

É uma honra imensa ser a organizadora desta obra, que ainda traz a brilhante tradução de Stephanie Borges, cujo legado profissional para o Brasil tem sido a disseminação das ideias de Audre Lorde, entre outras irmãs feministas negras que realizaram verdadeiras revoluções fora das fronteiras e que multiplicam a força necessária para a luta epistemológica que tem sido travada historicamente pelas feministas negras brasileiras, revolucionárias por resistirem e ampliarem o espaço de debate em um país de tradições coloniais tão enraizadas como o nosso. Desejo a todas vocês uma excelente leitura.

São Paulo, junho de 2020.

DJAMILA RIBEIRO é filósofa e ativista, possui mestrado em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e é profes-

sora de Jornalismo contra-hegemônico na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É autora de *Pequeno manual antirracista* (Companhia das Letras, 2019), *Quem tem medo do feminismo negro?* (Companhia das Letras, 2019) e *Lugar de fala* (Pólen, 2019). Em 2018 idealizou o selo “Sueli Carneiro”, que incentiva publicações escritas por brasileiras negras, indígenas e LGBTQI+, mas também a tradução de obras de mulheres latinas e caribenhas. Desde 2019 coordena a coleção “Feminismos plurais”.

PARTE 1

diferença e sobrevivência

SOU SUA IRMÃ

Mulheres negras se organizam para além das sexualidades

Toda vez que venho ao Medgar Evers College sinto empolgação, ansiedade e prazer, porque é como voltar para casa, conversar com a família, ter a oportunidade de falar sobre temas muito importantes para mim, com pessoas que são igualmente importantes. E isso se aplica especialmente às ocasiões em que venho falar no Women's Center. No entanto, como em todas as famílias, às vezes temos dificuldade de lidar de maneira construtiva com as diferenças genuínas entre nós e de reconhecer que a união não exige que sejamos idênticas umas às outras. Mulheres negras não são um grande tonel de leite achocolatado homogêneo. Temos muitas faces diferentes e não precisamos nos tornar idênticas para trabalharmos juntas.

Não é fácil para mim falar com vocês aqui como uma feminista negra lésbica e admitir que algumas formas como me identifico dificultam que me escutem. Mas nos encontrarmos em meio às diferenças exige flexibilidade conjunta, e, enquanto vocês não forem capazes de me ouvir como feminista negra lésbica, nossas forças não estarão realmente conectadas como mulheres negras.

■ Palestra proferida na conferência *Black Women Rising Together* [Mulheres negras ascendem juntas], que ocorreu no Medgar Evers College, faculdade pública localizada no bairro do Brooklyn, em Nova York, em 1985. Depois publicada como o terceiro volume da série de panfletos, *Freedom Organizing Pamphlet* (New York: Kitchen Table: Women of Color Press, 1985). Republicada em *A Burst of Light: Essays by Audre Lorde* (New York: Firebrand, 1988).

É porque sinto a urgência de não desperdiçar nossos recursos, de reconhecer cada irmã do jeito que ela é para que então possamos trabalhar melhor juntas, em favor de nossa sobrevivência mútua, que falo aqui sobre heterossexismo e homofobia, duas graves barreiras à organização das mulheres negras. E, para que tenhamos uma linguagem comum, gostaria de definir os termos que uso:

- HETEROSSEXISMO crença na superioridade inerente a um padrão de relação afetiva, o que implicaria seu direito à dominância.
- HOMOFOBIA medo de sentimentos amorosos por pessoas do próprio sexo, o que se reflete em ódio por esses sentimentos em outras pessoas.

Nos anos 1960, quando decidiram que não queriam parecer racistas, as pessoas brancas liberais usavam *dashikis*, dançavam música negra, apreciavam a culinária dos negros e até se casavam com pessoas negras, mas não queriam se sentir negras nem pensar como tais, por isso nunca questionaram o contexto de sua rotina (por que *band-aids* “cor de pele” seriam sempre rosados?); seu questionamento, na verdade, era “Por que pessoas negras sempre se ofendem tão facilmente com coisas tão pequenas? Alguns de nossos melhores amigos são negros...”.

Bem, não é necessário que algumas de suas melhores amigas sejam lésbicas, embora algumas delas provavelmente sejam, sem dúvida. O que é preciso é que vocês parem de me oprimir com base em um falso julgamento. Não quero que vocês ignorem a minha identidade nem que a transformem num obstáculo insuperável para o compartilhamento de nossas forças.

Quando digo que sou uma feminista negra, quero dizer que reconheço que o meu poder e minhas opressões primárias são consequência do fato de eu ser negra e mulher, e, portanto, as minhas lutas nessas duas frentes são inseparáveis.

Quando digo que sou uma lésbica negra, quero dizer que sou uma mulher cujo foco primordial do amor, tanto físico como emo-

cional, é direcionado a mulheres. Isso não significa que eu odeie os homens. Longe disso. Os ataques mais duros que já ouvi contra homens negros vieram de mulheres que estão intimamente ligadas a eles e não conseguem se libertar de uma posição silenciosa e subserviente. Jamais ousei falar de homens negros da forma como ouvi algumas de minhas irmãs heterossexuais falarem dos homens com quem se relacionam. E é claro que isso me preocupa, pois é o reflexo de uma situação em que sobressai a falta de comunicação na comunidade negra heterossexual, que, de longe, é mais ameaçadora na realidade do que a existência de lésbicas negras.

O que isso tem a ver com a organização entre as mulheres negras?

Já ouvi pessoas dizendo – geralmente pelas minhas costas – que lésbicas negras não são normais. Mas o que é normal nesta sociedade enlouquecida em que estamos aprisionadas? Eu me lembro, como muitas de vocês, de quando ser negra não era considerado normal, quando se falava de nós aos sussurros, quando tentavam nos pintar, nos linchar, nos alvejar, quando fingiam que não existíamos. Chamávamos isso de racismo.

Já ouvi pessoas dizendo que as lésbicas negras são uma ameaça às famílias negras. Porém, quando 50% das crianças negras nascem fora de casamentos e 30% das famílias são lideradas por mulheres sem maridos, precisamos ampliar e redefinir o que é *família*.

Já ouvi pessoas dizendo que lésbicas serão responsáveis pelo fim da raça. No entanto, lésbicas negras geram filhos como todas as outras mulheres, e o lar de uma lésbica é simplesmente outro tipo de família. Perguntem ao meu filho e à minha filha.

O horror às lésbicas negras está enterrado naquele lugar profundo onde fomos ensinadas a temer toda diferença – a matá-la ou a ignorá-la. Fiquem tranquilas: o amor entre mulheres não é uma doença transmissível pelo contato. Vocês não correm o risco de contraí-lo como um resfriado comum. Contudo, a insinuação de que uma mulher negra seja lésbica é capaz de deixar até a mais articulada delas em silêncio e inerte.

SOBRE A AUTORA



Audre Lorde nasceu no Harlem, Nova York, Estados Unidos, em 1934. Em 1959, graduou-se em biblioteconomia pelo Hunter College. Em 1961, concluiu seu mestrado na área pela Columbia University. Durante os anos 1960, trabalhou como bibliotecária em escolas públicas de Nova York. Em 1962, casou-se com Edward Rollins, com quem teve dois filhos. Em 1968, conheceu a professora de psicologia Frances Clayton, com quem passou a viver após o fim de seu casamento, tendo sido sua companheira por quase vinte anos. Em 1969, começou a lecionar no Lehman College. Em 1970, tornou-se professora de literatura no John Jay College. Em 1977, tornou-se editora de poesia no jornal feminista *Chrysalis*. Em 1978 foi diagnosticada com câncer de mama, tendo realizado mastectomia como parte do tratamento. Em 1980, fundou, junto com a escritora Barbara Smith, a editora Kitchen Table: Women of Color Press, para disseminar a produção de feministas negras. Em 1981, foi nomeada professora no programa de escrita criativa do Hunter College. Em 1984, recebeu o diagnóstico de câncer de fígado. Mesmo com a doença, manteve uma rotina intensa de viagens. Estabeleceu uma relação especial com a Alemanha, retratada pela diretora Dagmar Schultz no documentário *Audre Lorde: The Berlin Years* (2012). Engajada com a luta das mulheres sul-africanas contra o *apartheid*, em 1985 criou a rede de apoio Sisterhood in Support of Sisters in South Africa [Irmandade de apoio às irmãs na África do Sul].

No final dos anos 1980, mudou-se para Saint Croix, uma ilha no Caribe, onde viveu os últimos seis anos de sua vida ao lado da socióloga e ativista Gloria Joseph. Após seu falecimento em 1992, seus arquivos passaram a integrar a coleção do Spelman College, em Atlanta.

Audre Lorde recebeu diversos prêmios ao longo de sua carreira, entre os quais podem-se destacar as bolsas concedidas pelo National Endowment for the Arts (de 1968 e 1981) e pelo Creative Artists Public Service Program (de 1972 e 1976) e o prêmio de excelência literária de Manhattan, de 1987. Em 1991, foi nomeada poeta laureada pelo estado de Nova York.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

OBRAS DE AUDRE LORDE

- The First Cities*. New York: Poet's Press, 1968.
- Cable to Rage*. London: Paul Breman, 1970.
- From a Land Where Other People Live*. Detroit: Broadside Press, 1973.
- New York Head Shop and Museum*. Detroit: Broadside Press, 1973.
- Coal*. New York: W. W. Norton, 1976.
- Between Our Selves*. Point Reyes: Eidolon Editions, 1976.
- The Black Unicorn*. New York: W. W. Norton, 1978.
- The Cancer Journals*. San Francisco: Spinsters Ink, 1980.
- Zami: A New Spelling of My Name*. Boston: Persephone Press, 1982.
- Chosen Poems: Old and New*. New York: W. W. Norton, 1982.
- I Am Your Sister: Black Women Organizing across Sexualities*. New York: Kitchen Table: Women of Color Press, 1985.
- Our Dead Behind Us: Poems*. New York: W. W. Norton, 1986.
- A Burst of Light: Essays by Audre Lorde*. New York: Firebrand, 1988.
- Undersong: Chosen Poems, Old and New*. New York: W. W. Norton, 1992.
- The Marvelous Arithmetic of Distance: Poems, 1987–1992*. New York: W. W. Norton, 1993.
- The Collected Poems of Audre Lorde*. New York: W. W. Norton and Company, 1997.

OBRAS DE AUDRE LORDE EM PORTUGUÊS

- Irmã outsider: Ensaios e conferências*. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019
- Entre nós mesmas – poemas reunidos*. Trad. Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- A unicórnio preta – poemas*. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Relicário, 2020.
- Zami, uma biomitografia*. Trad. Lubiana Prates. São Paulo: Elefante, 2021

BIBLIOGRAFIA SOBRE AUDRE LORDE

- ALEXANDER, Elizabeth. “Coming Out Blackened and Whole: Fragmentation and Reintegration in Audre Lorde’s *Zami* and *The Cancer Journals*”, *American Literary History* 6, n. 4, 1994, pp. 695–715.
- BRAXTON, Joanne M. *Black Women Writing Autobiography: A Tradition within a Tradition*. Philadelphia: Temple University Press, 1989.
- BURR, Zofia. *Of Women, Poetry, and Power: Strategies of Address in Dickinson, Miles, Brooks, Lorde and Angelou*. Urbana: University of Illinois Press, 2002.
- DE VEAUX, Alexis. *Warrior Poet: A Biography of Audre Lorde*. New York: W. W. Norton, 2004.
- GINZBERG, Ruth. “Audre Lorde’s (Nonessentialist) Lesbian Eros”, *Hypatia* 7, n. 4, 1992, pp. 73–90.
- KING, Katie. “Audre Lorde’s Lacquered Layerings: The Lesbian Bar as a Site of Literary Production”. Em: MUNT, Sally (org.). *New Lesbian Criticism: Literary and Cultural Readings*. New York: Columbia University Press, 1992.
- MARTIN, Joan M. “The Notion of Difference for Emerging Womanist Ethics: The Writings of Audre Lorde and Bell Hooks”, *Journal of Feminist Studies in Religion* 9, n. 1–2, 1993, pp. 39–51.
- SHELLY, Elaine. “Conceptualizing Images of Multiple Selves in the Poetry of Audre Lorde”, *Lesbian Ethics*, 1995, pp. 88–98.

- STEELE, Cassie Premo. *We Heal From Memory: Sexton, Lorde, Anzaldua, and the Poetry of Witness*. New York: Palgrave, 2000.
- WILSON, Anna. “Audre Lorde and the African-American Tradition”. Em: MUNT, Sally (org.). *New Lesbian Criticism: Literary and Cultural Readings*. New York: Columbia University Press, 1992.
- . *Persuasive Fictions: Feminist Narrative and Critical Myth*. Lewisburg/London/Cranbury: Bucknell University Press/Associated University Presses, 2001.

SOBRE A COLEÇÃO AUDRE LORDE

A “Coleção Audre Lorde” é resultado de uma parceria inédita firmada entre as editoras Bazar do Tempo, Elefante, Relicário e Ubu, como modo de fortalecer a recepção dos livros dessa importante militante, pensadora e poeta norte-americana, referência para o feminismo negro, para a luta antirracista e LGBTQI+.

LEIA TAMBÉM

Entre nós mesmas – poemas reunidos. Trad. Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

A unicórnio preta – poemas. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

Zami, uma biomitografia. Trad. Lubiana Prates. São Paulo: Elefante, 2021.

Seleção realizada por Djamila Ribeiro com base no livro *I Am Your Sister: Collected and Unpublished Writings of Audre Lorde*, organizado por Rudolph P. Byrd, Johnnetta Betsch Cole e Beverly Guy-Sheftall.

Título original: *I Am Your Sister*

© 2009 by the Estate of Audre Lorde

© Ubu Editora, 2020

FOTOGRAFIAS DA CAPA © Dagmar Schultz

FOTOGRAFIA DA P. 216 Cortesia dos Arquivos do Spelman College

O filme *Audre Lorde – The Berlin Years 1984 to 1992* está disponível na plataforma Vimeo como vídeo sob demanda com legendas em diversos idiomas, inclusive em português, no seguinte endereço: vimeo.com/ondemand/audrelorde. Os direitos para exibição pública precisam ser liberados com a produtora através do e-mail dagmar@dagmarschultz.com.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Florencia Ferrari

ASSISTENTES EDITORIAIS Isabela Sanches e Júlia Knaipp

PREPARAÇÃO Fabiana Medina

REVISÃO Cláudia Cantarin

DESIGN Elaine Ramos

ASSISTENTE DE DESIGN Livia Takemura

PRODUÇÃO GRÁFICA Marina Ambrasas

COMERCIAL Luciana Mazolini

ASSISTENTE COMERCIAL Anna Fournier

GESTÃO SITE / CIRCUITO UBU Beatriz Lourenção

CRIAÇÃO DE CONTEÚDO / CIRCUITO UBU Maria Chiaretti

ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO Júlia França

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

ubu

bazar  do tempo

 relicário

 elefante
EDITORA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecário Odílio Hilario Moreira Junior – CRB 8 / 9949

Lorde, Audre [1934–1992]

Sou sua irmã: escritos reunidos / Audre Lorde; título original: *I Am Your Sister: Collected and Unpublished Writings of Audre Lorde*; organizado e apresentado por Djamilia Ribeiro; traduzido por Stephanie Borges.

São Paulo: Ubu Editora, 2020. / 224 pp.

ISBN 978 65 86497 07 6

1. Literatura americana. 2. Feminismo. 3. Lesbianismo. 4. Mulheres afro-americanas. I. Ribeiro, Djamilia. II. Borges, Stephanie. III. Título.

2020–1237

CDD 810 CDU 821.111(73)

Índice para catálogo sistemático:

Literatura americana 810

Literatura americana 821.111(73)

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 33312275 ubueditora.com.br

professor@ubueditora.com.br

  /ubueditora

FONTES

Martin, de Tré Seals

Tiempos, de Kris Sowersby

PAPEL

Pólen Soft 80 g/m²

IMPRESSÃO

Maistype